

CHAMADA

Revista de Estudios Sociales

Pensamentos críticos perante a
devastação ecossocial:
perspectivas latino-americanas

Editores convidados

Lina Álvarez, Andrea Lehner, Nicolas Lema
(Universidad de los Andes, Colombia)

Recepção de artigos
10 de janeiro a 10 de fevereiro, 2024

A *Revista de Estudios Sociales (RES)* da Universidad de los Andes (Colômbia) convida a comunidade acadêmica a submeter artigos para sua edição especial: **“Pensamentos críticos perante a devastação ecossocial: perspectivas latino-americanas”**.

Editores convidados:

Lina Álvarez, Andrea Lehner and Nicolas Lema (Universidad de los Andes, Colômbia)

Os artigos devem ser submetidos entre
10 de janeiro e 10 de fevereiro de 2024

Serão aceitos textos em **inglês, espanhol e português**, que devem cumprir com as regras editoriais e com as instruções para autores da *RES*.

(<https://revistas.uniandes.edu.co/for-authors/res/editorial-policy>)

Todos os artigos devem ser enviados pela plataforma:

<https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/about/submissions>

Apresentação

A atual crise ecológica e climática tornou incerto o futuro da humanidade e de muitas espécies vivas do planeta. A civilização (neo)colonial, industrial e capitalista está destruindo o planeta, o que não nos permite afirmar com certeza que, em breve, teremos as condições vitais das quais dependemos para viver no presente. Entre as causas da crise está a produção de conhecimento dualista que, no âmbito da modernidade, gerou o imaginário segundo o qual o ser humano está desconectado do resto da natureza/Terra, enquanto a Terra é concebida como uma dimensão externa, desprovida de racionalidade, suscetível de ser manipulada de acordo com os desígnios humanos. Portanto, as ciências sociais são hoje obrigadas a reformular seus fundamentos teóricos e metodológicos para repensar a relação entre o social e o “natural”. Poderíamos até dizer que estamos testemunhando, nas últimas décadas, uma *virada ecológica* tanto nas ciências sociais quanto nas humanas.

No entanto, embora a abertura desses campos disciplinares para problemas que costumavam ser considerados de competência exclusiva das ciências naturais seja importante para lidar com a atual devastação socioecológica, muitas abordagens têm sido criticadas — a partir de disciplinas como ecologia política, história ambiental ou filosofia política — por negligenciarem e, às vezes, abstraírem as condições histórico-materiais das quais fazem parte e por reproduzirem certas lógicas das quais procuram emergir. Nesse sentido, o pensamento ambiental, geralmente situado ou produzido a partir do Norte global e ativamente articulado desde as décadas de 1960 e 1970 (Carson 2000 [1962]; White 1967; Nash 1989; Hardin



1968; Meadows *et al.* 1974 [1972]; Commoner 1971; Ehrlich 1972; Naess 1973; Worster 1985 [1977]), foi transformado e criticado a partir de vários sulismos. Essas críticas colocaram o foco da análise da devastação ecológica no extrativismo, na colonialidade e no patriarcado, entre outros. Elas destacaram as maneiras pelas quais o gênero e a racialização estão ligados geo-historicamente à dominação da natureza e forneceram ferramentas conceituais inovadoras para explicar as causas da devastação socioecológica.

Nesse contexto, a singularidade dos pensamento críticos latino-americanos se encontra, por um lado, em seu trabalho enraizado nas lutas sociais da região, ou seja, na elaboração de um conhecimento comprometido com a transformação das injustiças ambientais e que — indo além da academia e das abordagens disciplinares — reconhece o potencial transformador das formas de reexistência dos povos e sua plena qualidade de agentes epistêmicos e políticos; e, portanto, a necessidade de pensar a partir deles e com eles (Martínez Alier 2004). Por outro lado, a perspectiva crítica latino-americana caracteriza-se pelo fato de deixar de lado toda pretensão de neutralidade e, ao contrário, explicitar seu lugar de enunciação. Este não é outro senão o de uma geo-história diversa, composta de uma pluralidade de mundos, e cuja origem é o “trauma catastrófico da conquista e da integração em uma posição subordinada e colonial no sistema internacional” (Alimonda 2017, 41). Portanto, é a partir da especificidade latino-americana e da pluralidade de seus povos e geografias que o pensamento ecossocial crítico latino-americano interroga as lógicas da devastação ecossocial em escala regional, nacional e internacional, e propõe alternativas que são viáveis porque existem no passado e no presente latino-americanos.

Nesta edição, vamos nos concentrar na análise das contribuições que os pensamentos latino-americanos fizeram ou poderiam fazer para os problemas socioecológicos que nos afligem hoje. Os pensamentos latino-americanos se destacam por sua disruptividade epistêmico-ecológica, ou seja, por sua capacidade de transformar a própria maneira como falamos, conhecemos e sentimos a relação entre humanos e mais do que humanos (Alimonda, Toro Pérez e Martín 2017). As perspectivas críticas latino-americanas propõem formas relacionais e ecológicas de construir conhecimento, ao mesmo tempo que revelam a existência de práticas políticas, econômicas, históricas e artísticas cosmocêntricas, que se opõem às formas antropocêntricas, ao dualismo moderno e à razão instrumental que estão na origem da problemática separação entre humanos e não humanos. A situacionalidade da perspectiva dos pensamentos latino-americanos bem como o fato de que a relacionalidade é um de seus princípios epistemológicos os levam a estabelecer diálogos frutíferos com tradições intelectuais de outras geografias (como a europeia, a indiana ou a africana) e a responder de forma situada, mas contundente, aos problemas ecossociais globais. Ao mesmo tempo, o rigor teórico e o potencial transformador da perspectiva latino-americana fizeram com que esses pensamentos fossem adotados por autores do Norte para elaborar teorias críticas sofisticadas e para complexificar, por exemplo, os entendimentos do capitaloceno (Moore 2015 e 2016) ou as teorias de justiça ambiental (Álvarez e Coolsaet 2020; Rodríguez e Inturias 2018).

Assim, constatamos que as perspectivas latino-americanas estabelecem diálogos com a ecologia política e com certas correntes de pensamento produzidas principalmente no Norte global, e, ao questioná-las a partir da perspectiva dos modos de vida indígena e afro-americano, fazem mudanças importantes e propõem novas abordagens, como a *ontologia política* (Blaser 2009; Escobar 2014; De la Cadena 2015) ou o perspectivismo



ameríndio (Viveiros de Castro 2010). Da mesma forma, os pensamentos latino-americanos questionam o escopo e os benefícios da economia do crescimento, propondo alternativas ao desenvolvimento e às economias regenerativas; isso deu origem ao que foi chamado “pós-extratativismo” (Svampa e Viale 2014; Gudynas 2015) e às teorias pós-desenvolvimento (Kothari et al. 2019). Estas incluem noções de “buen vivir”, “sumak kawsay” ou “vivir sabroso” (Quiceno Toro 2016) e mudam as discussões de segurança alimentar para soberania alimentar. De uma perspectiva mais filosófica, o pensamento latino-americano retoma a teoria crítica europeia (de Marx, passando pelos autores da Escola de Frankfurt, como Horkheimer, Adorno ou Benjamin), examina-a da perspectiva dos modos de vida camponeses, indígenas e afro-americanos, e sugere concepções alternativas do comum (Gutiérrez Aguilar 2017; Tzul-Tzul 2016) e do comunismo (Mariátegui 2007), nas quais a regeneração das condições simbólicas e materiais de existência da vida humana e mais que humana, bem como a relação com a Terra, ocupam um lugar central. Por fim, destacam-se as contribuições das feministas latino-americanas, que forneceram uma caixa de ferramentas conceituais refinada na qual o corpo é sentimentalizado de forma relacional sob a forma *terra-corpo-território* (Cabnal 2019), as múltiplas violências da ordem colonial-capitalista são concebidas a partir da perspectiva do *terricidio* (Millán 2020), e os usos políticos do feminino e do masculino são analisados para pensar seu lugar na reprodução do patriarcado com relação à dominação da natureza (Svampa 2015), embora ultrapassem o entendimento genérico e individualizado que esses termos têm em alguns feminismos do Norte (Segato 2015; Rivera Cusicanqui 2018).

Esperamos receber contribuições que trabalhem com as perspectivas críticas latino-americanas para a virada ecológica. Com o objetivo de capturar toda a complexidade da crise socioecológica e as respostas que surgiram em resposta a ela, receberemos tanto textos teóricos de análise conceitual ou discussão crítica de propostas teóricas quanto análises empíricas, sejam pesquisas de campo, sejam de metodologias qualitativas/quantitativas, entre outros. As contribuições podem ser articuladas de acordo com os seguintes eixos temáticos, sem se reduzir exclusivamente a eles:

1. utilidade das tradições de saberes diversos não canônicos latino-americanos para enfrentar a crise ecossocial global;
2. propostas apresentadas a partir da América Latina pelos estudos anti/pós/decoloniales, pelos pensamentos feministas e pelas práticas artísticas/estéticas como caminhos para resolver a crise socioecológica;
3. estudos críticos latino-americanos sobre conflitos socioambientais, conservação e preservação ambiental em territórios, realizados a partir de metodologias empíricas, com trabalho de campo e/ou com comunidades;
4. análises comparativas de abordagens críticas contemporâneas na América Latina nos campos da teoria política e na teoria social diante dos desafios surgidos pela crise ecológica no contexto das ciências sociais.



Referências

1. Alimonda, Héctor. 2017. "En clave de sur: la ecología política latinoamericana y el pensamiento crítico". Em *Ecología política latinoamericana. Pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémica*, vol. I, editado por Héctor Alimonda, Catalina Toro Pérez e Facundo Martín, 33-49. Buenos Aires: Clacso.
2. Alimonda, Héctor, Catalina Toro Pérez e Facundo Martín, eds. 2017. *Ecología política latinoamericana. Pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémica*. 2 vols. Buenos Aires: Clacso.
3. Álvarez, Lina e Brendan Coolsaet. 2020. "Decolonizing Environmental Justice Studies: A Latin American Perspective". *Capitalism Nature Socialism* 31 (2): 50-69.
4. Blaser, Mario. 2009. "Political Ontology. Cultural Studies without 'Cultures?'". *Cultural Studies* 23 (5-6): 873-896. <https://doi.org/10.1080/09502380903208023>
5. Cabnal, Lorena. 2019. "El relato de las violencias desde mi territorio cuerpo-tierra". Em *En tiempos de muerte: cuerpos, rebeldías, resistencias*, t. IV, coordinado por Xochitl Leyva Solano e Rosalba Icaza, 113-126. Buenos Aires; San Cristóbal de Las Casas; La Haya: Clacso; Cooperativa Editorial Retos; Institute of Social Studies / Erasmus University Rotterdam.
6. Carson, Rachel. (1962) 2000. *Silent Spring*. Londres: Penguin.
7. Commoner, Barry. 1971. *The Closing Circle: Confronting the Environmental Crisis*. Nova York: Alfred A. Knopf.
8. Daly, Herman. 1977. "The Steady-State Economy: What, Why and How?". Em *The Sustainable Society: Implications for Limited Growth*, editado por Dennis C. Pirages, 107-130. Nova York: Praeger.
9. De la Cadena, Marisol. 2015. *Earth Beings. Ecologies of Practice across Andean World*. Durham: Duke University Press.
10. Ehrlich, Paul R. e Anne H. Ehrlich. 1970. *The Population Bomb*. Nova York: Ballantine Books.
11. Ehrlich, Paul R. e Anne H. Ehrlich. 1972. *Population, Resources, Environment*. San Francisco: Freeman.
12. Escobar, Arturo. 2014. *Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín: Unaula.
13. Gudynas, Eduardo. 2015. *Extractivismos: ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la naturaleza*. Cochabamba: Cedib.
14. Gutiérrez Aguilar, Raquel. 2017. *Horizontes comunitario-populares: producción de lo común más allá de las políticas estado-céntricas*. Madrid: Traficantes de Sueños.
15. Hardin, Garrett. 1968. "The Tragedy of the Commons". *Science* 162 (3859): 1243-1248. <https://www.jstor.org/stable/1724745>
16. Kothari, Ashish, Ariel Salleh, Arturo Escobar, Federico Demaria e Alberto Acosta, eds. 2019. *Pluriverso. Un diccionario del posdesarrollo*. Barcelona: Icaria Editorial.
17. Mariátegui, José Carlos 2007. "El problema de la tierra". Em *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*, 39-85. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho.
18. Martínez Alier, Joan. 2004. *El ecologismo de los pobres. Conflictos ambientales y lenguajes de valoración*. Barcelona: Icaria Editorial.
19. Meadows, Donella H., Dennis L. Meadows, Jorgen Randers e William W. Behrens III. (1972) 1974. *The Limits to Growth*. Londres: Pan Books.
20. Millán, Moira. 2020. "Terricidio, fronteras y pandemia". Em *Repensar el sur: las luchas del pueblo mapuche*, coordinado por Raúl Zibechi e Edgars Martínez, 45-54. Buenos Aires; San Cristóbal de Las Casas: Clacso; Cooperativa Editorial Retos.
21. Moore, Jason W. 2015. *Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital*. Londres: Verso.
22. Moore, Jason W., ed. 2016. *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History and the Crisis of Capitalism*. Oakland, CA: PM Press/Kairos.
23. Naess, Arne, 1973. "The Shallow and the Deep, Long-Term Ecology Movement: A Summary". *Inquiry* 16 (1-4): 95-100. <https://doi.org/10.1080/00201747308601682>
24. Nash, Roderick Frazier. 1989. *The Rights of Nature: A History of Environmental Ethics*. Madison: University of Wisconsin Press.
25. Quiceno Toro, Natalia. 2016. *Vivir sabroso. Luchas y movimientos afrotrasteños en Boyacá, Chocó, Colombia*. Bogotá: Universidad del Rosario.
26. Rivera Cusicanqui, Silvia. 2018. *Un mundo ch'ixi es posible: ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón.
27. Rodríguez, Iokiñe e Mirna Liz Inturias. 2018. "Conflict Transformation in Indigenous Peoples' Territories: Doing Environmental Justice with a 'Decolonial Turn'". *Development Studies Research* 5 (1): 90-105. <https://doi.org/10.1080/21665095.2018.1486220>
28. Segato, Rita Laura. 2015. *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos*. Buenos Aires: Prometeo.
29. Svampa, Maristella. 2015. "Feminismos del sur y ecofeminismo". *Nueva Sociedad* 256 (marzo-abril). <https://nuso.org/articulo/feminismos-del-sur-y-ecofeminismo/>
30. Svampa, Maristella e Enrique Viale. 2014. *Maldesarrollo: la Argentina del destierro y el despojo*. Buenos Aires: Katz Editores.
31. Tzul-Tzul, Gladys. 2016. *Sistemas de gobierno comunal indígena: Mujeres y tramas de parentesco en Chuime'ena*. Cidade de Guatemala: Editorial Maya' Wuj.
32. Viveiros de Castro, Eduardo. 2010. *Metafísicas caníbales. Líneas de antropología postestructural*. Traduzido por Stella Mastrengo. Madrid: Kats Editores.
33. White, Lynn. 1967. "The Historical Roots of Our Ecologic Crisis". *Science* 155 (3767): 1203-1207. <https://www.jstor.org/stable/1720120>
34. Worster, Donald. (1977) 1985. *Nature's Economy. A History of Ecological Ideas*. Cambridge: Cambridge University Press.